

ESTRADA DO TEMPO AZUL

Márcia Rohr Welter¹
marcia_r_welter@hotmail.com

Biiiiii pii biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!! Biiiiiiiiii piiiiiiiipiiiiiiiiiiipii!

As mãozinhas do menino conduziam pelo tapete o novo brinquedo, enquanto o fogo crepitava no fogão à lenha e tornava a sala mais aconchegante. Ele recebera o presente de uma tia que morava na capital e viera visitar os parentes do interior. Era um sonho! Com nove filhos, os pais nunca tiveram dinheiro para comprar lembranças de aniversário.

Mas era preciso ter muito cuidado, a felicidade costumava ser frágil e bastante inconstante.

Dane-se!

A cabina azul, de frente arredondada e com detalhes em branco e preto nas laterais, reluzia à luz minguada da sala. Os seis pneus, novinhos! estavam arriados e encostavam no chão fofo. A carroceria de madeira era mais resistente do que seriam os seus sonhos durante toda uma vida. E o ronco do motor? Traduzia em som e barulho a festa que o coração fazia, parecia que brinquedo e menino faziam parte de dois corpos que eram capazes de ocupar o mesmo espaço.

O Mercedes percorria a estrada de pista dupla solitário. O dia começava a nascer, e os primeiros raios de sol, misturados às nuvens, que pareciam fiapos finos de algodão soltos aleatoriamente, deixavam o céu de uma coloração de tons de rosa e lilás. Aquelas cores que o horizonte apenas assume, quando algo importante está por acontecer.

O motorista sorria com o canto da boca. É o melhor momento para se andar na estrada! Apenas a companhia do infinito!

Biiiiii pii biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!! Biiiiiiiiii piiiiiiiipiiiiiiiiiiipii!

É preciso acordar o mundo! Em mais ou menos duas horas e meia, estaria em casa. No aconchego do sorriso de minha pequena....

Três semanas longe de casa... levava uma carga até São Paulo e demorara para conseguir um frete de volta ao Sul. De volta ao frio do inverno, que era aquecido pelo olhar da esposa. Ora! Era preciso ter alguém que aguardasse pela gente.

O que é isso?!

¹ Graduada em Letras – habilitação português, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e bolsista de Aperfeiçoamento Científico no projeto de pesquisa “Machado de Assis: menções à arte musical e dramática como vínculo entre produção e recepção”, na Universidade Feevale.

Imprevisivelmente, após uma curva, no meio da estrada, havia um corpo estendido ao lado de uma moto. Um acidente? Mas não há carro...

Malditos covardes! Durante os anos de estrada, presenciara vários acidentes e tivera a sorte de escapar de um. Numa reta, com os olhos pesados, as pálpebras ficaram encostadas por mais tempo e fora alertado pelo som de uma buzina, quando começava a invadir a outra pista... Sorte. Na maioria das vezes, era um imbecil bêbado que fugia sem prestar socorro. Era preciso ser mais que instinto, era preciso ser humano. Se parasse, iria se atrasar. A mulher e a filha. Mas, e se salvasse aquela vida?

Meio desorientado, um tanto aflito, analisava o acostamento para parar o caminhão. Investigou a estrada que estava à frente e decidiu parar.

Enquanto do chão ainda subia poeira, ele abriu a porta da cabina e pulou os dois degraus do lado do motorista. Mal encostara os pés no chão, foi como se a sua mente gritasse, Perigo! Lembrou-se de um caso, em Santa Catarina, a batida fora tão forte que o corpo do motoqueiro virara um montinho de sangue e ossos quebrados. Arrgghhh! Essas coisas costumavam ser terríveis, e sempre havia outras vidas por trás que ficavam e eram igualmente destruídas. Qual o estado desse rapaz?

Caminhou com passos miúdos, tentando o máximo possível aproximar-se do corpo sem abandonar o Mercedes. Numa espiada hesitante, percebeu que havia algo errado.

Não tem sangue!

– Ergue os braços! Saiu alguém gritando detrás das arvorezinhas do acostamento.

Putá merda!

– Tô falando, levanta os braços! Se te mexer, eu te furo!

Droga!

Havia uma estradinha vicinal que ele não percebera. Desse trilho, caminhavam para a faixa mais dois homens. O que estivera deitado no meio da estrada já se levantara e recolhera a moto. Pronto para sair em disparada.

Se, ao menos, adiantasse gritar! Pensou em correr para o Mercedes e deixar aquele imprevisto para trás. Mas a arma estava carregada...

– Vamo! Entrega a chave!

A mulher sempre dissera que aquilo era uma vontade supérflua, deveria continuar a criar suas cabeças de gado. As prestações! Céus! O dinheiro que a esposa recebera de indenização dava para comprar um carro zero... ela sempre disse isso.

– Já te avisei! Vou te furar!

Puuumm.

Um aviso. Um tiro para o alto.

Um homem já havia se aboletado na cabina. O da moto estava só esperando o sinal para zarpar. E o outro estava na estradinha, aguardando para seguir o caminhão com menos de um ano de uso.

Não tem seguro... as prestações restantes...

Enquanto a cabeça girava e os olhos não conseguiam focar as figuras a sua volta, sentiu uma dor lancinante na barriga. A chave foi arrancada de sua mão.

O Mercedes partiu. Ele ficou. Preso à visão do horizonte que era preenchido com o vulto do caminhão e da estrada que retornava à pobreza, ele sentou entorpecido.

Acordou com um solavanco da estrada com as costas apoiadas num acento de estampa desbotada. As enfermeiras observavam com ar de chacota a cena.

Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.

As mãos trêmulas e enrugadas voltaram a conduzir pelos braços da poltrona um caminhãozinho azul de plástico. Mas somente o velho sabia das belezas das estradas que percorria...